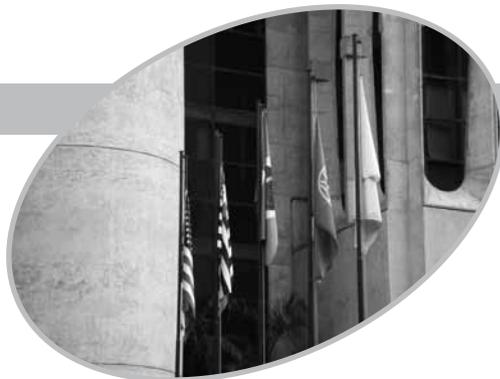


# Jornalismo de guerra e de paz no Oriente Médio\*



*Dov Shinar*

*Fundador decano da Escola de Estudos de Mídia na  
Faculdade de Administração em Israel  
Professor do Colégio Acadêmico Netanya, de Israel  
E-mail: shinard@barak.net.il*

**Resumo:** A palestra proferida por Dov Shinar busca estabelecer alguns parâmetros para se pensar o que vem a ser o jornalismo de paz aplicado à realidade do século XXI. A cobertura das guerras em geral se concentra em eventos, e não em processos, pois o que está em jogo é o alto valor da notícia das guerras. A cobertura da guerra, por sua vez, reflete muitas das preferências da mídia pela violência e pelo sensacionalismo. A cobertura da paz tem seu enfoque mais em processos de longo prazo do que em eventos pontuais. O jornalismo de paz é uma estratégia crítica que visa à melhoria das realidades e da mídia.

**Palavras-chave:** jornalismo, guerra, paz, valor-notícia, conflitos no Oriente Médio.

## *Periodismo de guerra y paz en Oriente Medio*

**Resumen:** La conferencia presentada por Dov Shinar busca establecer algunos parámetros para reflexionar lo que viene a ser el Periodismo de Paz aplicado a la realidad del siglo XXI. Las noticias de los conflictos en general se concentran en hechos y no en procesos, puesto que está en juego el alto valor de mercancía de las noticias de guerras. Los reportajes de guerra, a la vez, reflejan algunas preferencias de los medios por la violencia y el sensacionalismo. El periodismo de paz, por su lado, tiene su enfoque más en procesos de largo plazo que en hechos puntuales. El periodismo de paz es estrategia crítica en busca de una mejora de las realidades y de los medios.

**Palabras clave:** periodismo, guerra, paz, valor-noticia, conflictos en Oriente Medio.

## *Journalism of war and peace in the Middle East*

**Abstract:** The Dov Shinar's lecture searches to establish some parameters to define the Journalism of Peace applied to the reality of XXI century. News of wars are generally focused in events, and not in the processes. In this kind of coverage what is under question its the high value of wars informations. The war media covering reflects many of the media preferences for the violence and the sensationalism. Unlikely, peace media covering approach is more in processes of long term than in punctual events. The peace journalism is a critical strategy that aims at the improvement of the realities and of the media.

**Key words:** journalism, war, peace, value notice, conflicts in the Middle East.

Muito obrigado, boa noite. Shalom! Antes de começar, eu quero me desculpar pelo meu português. Eu nasci na Bela Vista, mas a vista não é o que era. Eu fiz um versinho, sempre faço um versinho para explicar. O Dimas já conhece. “O meu português é arcaico, misturado com hebraico / Português em lá bemol, bem pior que o português / O que falo é portuguesaico”. Desculpo-me mesmo porque, quando digo que nasci no Brasil, vocês podem esperar que meu português seja muito bom, parecido com o de Machado de Assis, não sei, alguns desses mestres. Mas não. Então, por favor, desculpem.

Eu quero também agradecer pelo convite para vir a São Paulo, ao professor Dimas, e especialmente à professora Liana e à Conib – Confederação Israelita do Brasil –, que está patrocinando minha vinda, com o apoio da Faculdade Cásper Líbero.

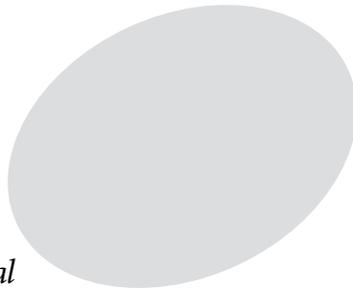
Expressarei algumas opiniões e, durante a palestra, pararei, depois de cada capítulo, para as suas questões e comentários e, no final, podemos continuar com eles. Eu espero que saíamos daqui pelo menos um pouco mais conscientes do que é jornalismo de paz,

\* Este artigo é fruto da transcrição de uma palestra proferida por Dov Shinar na Faculdade Cásper Líbero em 21/08/2009.

que ainda tem seus defeitos, está em sua infância prolongada, eu tenho que dizer desde que o professor norueguês Johan Galtung iniciou essa idéia nos anos 1970. Só agora estamos começando com a pesquisa empírica e com a tradução dos conceitos do Galtung à realidade do século XXI.

Para começar, eu gostaria de falar sobre a cobertura das guerras, que em geral se concentra em eventos, e não em processos. E, para fazer isso, quero mencionar uma mistura de dois animais.

*O alto valor de notícia é algo promovido por certos mecanismos na comunicação constituída por componentes como o heroísmo, o drama, a ação, o visual*



Como vocês podem ver, a cobertura das guerras, para os donos, me parece uma galinha que bota ovos de ouro. Porque, como nós sabemos, desde a guerra do Vietnã, a guerra sempre foi uma fonte de ingresso muito cobiçada pelos donos da comunicação. Também antes, com Hearst, aquele grande magnata da imprensa americana, já no fim do século XIX, quando a guerra com a Espanha sobre a questão de Cuba estava para começar. Ele enviou um correspondente para lá, que logo que chegou mandou um telegrama dizendo: “Eu estou aqui e não tem nenhuma coisa relacionada com a guerra”. Hearst mandou um telegrama de volta: “Você faça a prosa, deixe a guerra por minha conta”. Não é nada novo, mas a galinha que começou a botar os ovos de ouro começou mesmo nos últimos 30 anos.

A CNN, que começou a sua atividade na Guerra do Golfo, é outra testemunha desse tipo de característica da cobertura das guerras.

De outro lado, a cobertura também é uma vaca sagrada. Não sei como se faz essa

ligação entre a galinha e a vaca, mas é uma vaca sagrada para os jornalistas porque ela dá muito prestígio profissional, e muitos jornalistas querem chegar a esse tipo de trabalho, apesar dos perigos envolvidos nele.

Temos alguns exemplos. O de Peter Armett, que ficou lá no Iraque na primeira Guerra do Golfo e foi acusado de traição porque entrevistou Saddam Hussein. Ele cooperou com os donos porque a entrevista com Saddam Hussein não tinha muito a ver com jornalismo, mas deu um pouco de ingresso para os donos da CNN. O de Bob Simon, durante a Guerra do Golfo, foi um dos primeiros jornalistas que saiu daquela tenda com ar-condicionado, cheia de whisky, e cheia de mensagens prontas para serem disseminadas. Ele pegou um jipe com mais dois colegas, andou uns duzentos metros e foi capturado pelos iraquianos. Ficou dois meses na prisão, e saiu daquele episódio milionário pois escreveu um ótimo livro sobre tudo o que vivenciou – o que lhe rendeu bastante prestígio. No Oriente Médio, temos o Henrique Zimmerman, que é o correspondente da televisão espanhola, nascido em Portugal, e hoje é um jornalista de muito prestígio na área por causa dessa atividade. Ele não trabalhou no campo da saúde, por exemplo – apesar de que hoje, no campo da saúde, é mais ou menos como ser um correspondente de guerra. Há outros jornalistas que pensam dessa forma e, na cultura do jornalismo atual, isso é uma fonte de prestígio.

Voltando aos donos, considero muito importante mencionar o alto valor da notícia das guerras. Não é uma coisa natural: o alto valor de notícia é algo promovido por certos mecanismos na comunicação constituída por componentes como o heroísmo, o drama, a ação, o visual, o emocional, o pessoal, o simples, os resultados...

A cobertura da paz, por outro lado, tem seu enfoque mais em processos do que em eventos. Isso é muito mais difícil, pelo menos para a televisão, porque o tempo vale muito e começar a dar contexto e informação de fundo é muito difícil. Mas a paz, de qualquer

maneira, tem um valor de notícia mais baixo. O Rabin, o Arafat, o Clinton, isso é foto (a foto é aquela do encontro, na Casa Branca, em que o Clinton está no centro, Rabin à sua esquerda e Arafat à sua direita), mas a foto de conflito é muito mais interessante. Por isso, acho que a cobertura da paz até hoje tem baixo prestígio profissional, inclusive porque ela é mais complicada, pois é preciso explicar o que o Clinton está fazendo aqui, o que o Rabin está fazendo aí e se é obrigado a apertar a mão do Arafat. Naquele tempo, ele estava muito hesitante em fazer isso.

Além disso, tem mais uma coisa que talvez explique o baixo prestígio profissional. Na mídia de hoje, falta um discurso de paz. São utilizados alguns estratagemas, quer dizer, tratar da paz usando um discurso de guerra: “A batalha para a paz”, que aparece em muitos jornais. Depois vem a trivialização. Fala-se no processo de paz, por exemplo, entre Israel e Jordânia e a notícia é que as duas, a rainha, a mulher do Rei Hussein e a senhora Clinton apareceram com os mesmos vestidos. Isso não tem nada a ver com a paz, isso tem a ver com uma guerra entre as senhoras. Mas, de qualquer maneira, falta um discurso de paz, e esses estratagemas não substituem essa problemática profissional – mais que a problemática política do baixo valor de notícia.

No Oriente Médio, nós sabemos que essas são algumas razões porque cada guerra tem várias narrativas, vários nomes, várias imagens. A independência de Israel, chamada em hebraico “Atsmaút”, é considerada como “Nakba” em árabe, que significa “desastre”. E, infelizmente, no governo atual de Israel (eu me esqueci de dizer que não represento ninguém além de mim mesmo), houve uma iniciativa de não permitir a celebração da Nakba – porque, se os árabes israelenses são cidadãos de Israel, eles têm que celebrar a independência. E isso, a meu ver, é uma filosofia errada porque, a partir do exemplo canadense, de uma sociedade multicultural, eu penso que, numa sociedade democrática, pode-se celebrar a Nabka, também.

Mas esse não é o ponto. O ponto é a variedade de narrativas que se refletem nessas duas palavras. Vamos usar “terrorista” ou “shahid” (“mártir”), “terrorismo” ou “resistência” (“mukauama”, em árabe), uma palavra usada pelo movimento Hezbollah. Isso quer dizer que existe uma construção de realidades não somente política, mas que tem suas raízes econômicas, quer dizer, em Israel existem jornais de direita. Eles vão começar a perder muitos leitores se começarem a usar as palavras erradas. Eu tenho um colega, cujo nome não vou dizer, que cancelou sua assinatura do jornal *Haaretz* porque não gostou do estilo de um dos jornalistas do *Haaretz* e passou a ler outro jornal. Quer dizer, *Haaretz*, como um jornal liberal, está usando o vocabulário da esquerda, e muita gente da direita não aceita isso. E jornais que usam o vocabulário da direita não são populares, naturalmente, com a esquerda de Israel. Isso existe em muitos países em situação de conflito. Eu acho que, no Brasil, ainda não existe esse tipo de reação muito radical, muito polarizada, mas essa é a realidade na qual cada guerra tem suas narrativas.

A Guerra do Golfo... Não sei quantos dos jovens aqui viram aquela foto da ave que saiu do mar cheia de petróleo, muito pesada. Foi uma das fotos simbólicas da primeira Guerra do Golfo, mas houve uma não-cobertura das vítimas humanas e essa foi uma crítica contra aquela guerra. Não mostraram os soldados iraquianos, os soldados americanos. O caso dos soldados americanos pertence mais à guerra do Iraque, em que houve uma briga entre a *Al Jazeera* e a imprensa americana porque a *Al Jazeera* mostrou soldados americanos mortos em combate. E, quando os americanos reclamaram, a *Al Jazeera* disse: “Olha, vocês não estão mostrando o que está acontecendo. Tem muitos soldados americanos mortos em combate e isso nós podemos mostrar”.

Esse é um tópico de debate, mas isso reflete certa diferença entre as narrativas, e o denominador comum dessa diferença é certamente o jornalismo de guerra. E aqui te-

mos dois exemplos: um diz *Target Iraq* (O alvo e o Iraque) e, aqui, *Operation Iraq Freedom* (Operação libertação do Iraque). Duas narrativas totalmente diferentes. Nós ainda vamos voltar a esse tema. A crítica da cobertura pode ser sumarizada muito bem em alguns *slogans* desse tipo.

O filósofo francês Jean Baudrillard escreveu um artigo intitulado “A Guerra do Golfo não aconteceu”. Como a guerra não aconteceu? É um estratagema para dizer que ela aconteceu na mídia. Não havia nenhuma necessidade de mandar os soldados para os campos de batalha porque a mídia fazia aquela salada que era a realidade construída da guerra.

O autor Raymond Ferderman escreveu, em 1997, sobre outro estratagema, dizendo que a primeira Guerra do Golfo foi o melhor show da TV em 2001. Uma das grandes críticas é de que foi um show, e não mostraram a realidade do campo de batalha. Isso é um pouco de demagogia porque é muito difícil mostrar o que está acontecendo no campo de batalha. Até que ponto você pode pôr a vida do repórter em perigo? Ele não pode entrar exatamente onde as coisas estão acontecendo.

Voltaremos ao tema do *embedding*, quer dizer, do fato de que jornalistas estavam juntos com as unidades militares e mandavam reportagens do campo de batalha. No contexto desse fenômeno surgiu a questão: qual é o ponto de vista que eles têm? Não pode ser um ponto de vista muito geral, pois eles estão juntos a uma unidade, não podem entrar em qualquer área, o que seria uma repetição do Vietnã, em que os bons garotos eram levados em passeio de helicóptero a certas áreas de combate. Os que não iam, ou os que mandavam reportagens que não estavam de acordo com o discurso e a política das autoridades americanas, na semana seguinte, ninguém os acordava de manhã. Existe esse tipo de relações que explica essas críticas da cobertura.

Agora, quanto ao senhor Bush, que falou das armas de destruição de massa, a crítica a isso foi bem propagada pela mídia americana. Essa crítica partiu de alguns autores,

como Bosell, que escreve sobre armas de destruição massiva, ou o meu amigo Dany Schechter (que não foi muito popular na administração Bush), que escreve sobre armas de “decepção” massiva.

Outro tipo de crítica contra o caráter da cobertura é o que fala sobre o envolvimento do jornalista e da mídia nos conflitos. E fala sobre mudanças nas funções tradicionais da comunicação internacional – antes observadores e relatores. O senhor Ed Murrow, um dos ídolos da comunicação americana, uma das pessoas que educou gerações de jornalistas, foi correspondente de guerra em Londres na Segunda Guerra Mundial. Ele ficava nos telhados de Londres e mandava reportagens neutras sobre o que estava acontecendo – como as bombas caíam, como explodiam etc. –, exatamente como um observador, relator. Agora nós temos gente que é participante ativa. Catalisadores, mediadores.

Houve uma grande briga entre Barbara Walters e Walter Cronkite, uma briga sobre quem foi que causou a decisão de Saddat de ir a Jerusalém em 1977. Foi uma briga muito séria porque eles queriam estar envolvidos no processo. No fim, Barbara cedeu, mas é um sintoma da mudança que ocorreu na prática da reportagem de guerra e de paz.

O terceiro tipo de cobertura é um pouco mais amplo e fala do que já mencionamos: a cobertura seletiva que, de um lado, é seletiva pela escolha dos editores (de Londres, Paris, Atlanta) e, de outro, é um produto das condições locais. E é muito difícil acusar os editores de que eles são o único problema na seleção das notícias. Existe a crítica que fala da colaboração entre forças armadas, governos e interesses comerciais, e também é uma questão de debate porque nós sabemos que existem interesses comerciais dos grandes donos. Nós sabemos, por exemplo, que Danny Schechter ou Michael Moore mostraram nos EUA que existem coalizões ente esses elementos, mas é muito difícil de provar, é muito fácil acusar e isso também é parte da crítica. Temos também a questão da lealdade da mídia aos governos, às corpora-

ções, à cultura do *rating*, ao valor de notícias e, finalmente, foram mencionadas por Shinar e Stoiciu as novas técnicas de controle e de automanipulação.

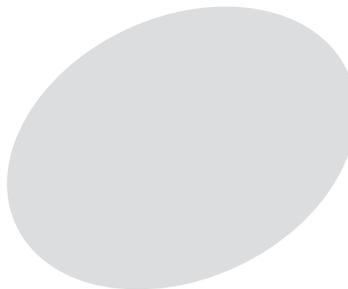
Por exemplo, Noam Chomsky e Edward Herman escreveram um livro muito importante sobre o consentimento da manipulação, quer dizer, a manipulação forçada, a mídia que consente em ser manipulada pelo governo, por interesses comerciais etc. O que ocorreu mais tarde, depois de Chomsky – disso nós temos bastante evidência empírica – é o consentimento voluntário, especialmente por parte de editores, sem necessidade de pressão de governos ou de interesses comerciais. Especialmente porque jornalistas e editores não são crianças. Esse pessoal que está tratando de guerra e de paz tem muita experiência. Não seria muito sério dizer que eles são manipulados como crianças inocentes.

A outra crítica diz que existe um consentimento voluntário da mídia em ser mobilizada, hospedada, *embedded* (o que traduzi como “levada para a cama”), controlada, manipulada por generais, funcionários e políticos. Não é uma manipulação forçada, é uma manipulação voluntária – uma acusação muito grave –, e existem exemplos da revolução romena de 1989 em que os editores engavetavam notícias que não estavam de acordo com as expectativas deles. Essa revolução foi contra um ditador que era muito mais odiado do que os outros da Europa Oriental, e as expectativas do valor de notícia era de uma revolução sangrenta, diferente da revolução de veludo na Tchecoslováquia ou da revolução na Hungria. E houve casos em que as notícias verdadeiras foram ignoradas a favor das expectativas dos editores. Isso é uma das evidências, mas o fato é que existe um consentimento manipulado e um consentimento voluntário.

A cobertura da guerra, por sua vez, reflete muitas das preferências da mídia nesse tipo de crítica. Preferências de violência e sensacionalismo explicam como sentimentos patrióticos (norte americanos, neste caso) determinaram a apresentação de Saddam

Hussein e de outros vilões da política moderna. A mídia em geral, na cultura da reportagem de guerra, tem esse costume de inclusão/exclusão de países, grupos e pessoas.

Na entrevista que fizera comigo hoje, dois alunos da Cáspér Líbero perguntaram coisas que foram difíceis de responder, principalmente em português. Eles perguntaram



*Esse pessoal que está tratando de guerra e de paz tem muita experiência.*

*Não seria muito sério dizer que eles são manipulados como crianças inocentes*

sobre o clima global da reportagem sobre guerra e paz, e minha resposta foi que não parece que há um clima global. Existem certos bairros nesse mundo global com os quais ninguém se importa. As terríveis guerras na África, as quais muita gente comparou com fenômenos de holocausto, não foram muito tratadas na mídia mundial. Nesse meio-ambiente global, não existe uma igualdade, mas uma exclusão que não é muito igualitária. As preferências das mídias são de descrições simples, mais do que de análises complexas das origens, das causas, dos contextos, do custo humano dos conflitos, porque é muito difícil, especialmente na televisão, entrar em detalhes e, afinal de contas, Deus está nos detalhes. Você pode entender o caráter de uma guerra, pode tentar chegar a uma conclusão de quem está fazendo o quê a quem só por meio dos detalhes – também por meio da interpretação e de outras técnicas jornalísticas, mas os detalhes são muito importantes e existem limitações da mídia para tratar disso.

A cobertura de conflito ocorre só quando existe violência aberta. Sempre existem sinais e os sinais nem sempre chegam ao leitor ou à televisão. A preferência da mídia

muitas vezes é por ser um jornalismo de torcida, de nós contra eles, de vitória e de derrota. Isso ficou muito caracterizado na mídia americana na Guerra do Iraque, e também na mídia israelense e na britânica, que apoiaram os seus governos. Também existe uma preferência por eventos e resultados visíveis: danos, bombardeios, vítimas, ganhadores,

*As preferências das mídias são de descrições simples, mais do que de análises complexas das origens, das causas, dos contextos, do custo humano dos conflitos*

perdedores, refugiados etc. Tais eventos são preferidos em detrimento de processos prolongados de resolução ou transformação de conflito. De novo temos que a paz é chata. Processos de paz incluem coisas que já não têm valor de notícia. Apertos de mão, pessoas chegando e saindo de aeroportos, fechando o paletó quando estão em conferências, sentadas em poltronas Luís XIV etc.

Agora faremos um primeiro intervalo para questões.

**Carlos Costa** (coordenador do curso de Jornalismo e professor da Cásper Líbero) – Eu queria fazer um comentário, reforçando o que o prof. Dov falou, lembrando duas escritoras. Uma é a Susan Sontag e aquele puxão de orelha que ela dá a respeito da “guerra como simulacro”. Somente um intelectual bem nutrido, sentado em sua poltrona em Paris, pode dizer que a guerra é um simulacro. Outro é um tema que o senhor tocou várias vezes, de a mídia privilegiar os temas de alto impacto e de baixa complexidade, e estou usando o conceito de outra autora, a argentina Beatriz Sarlo. Há pouco apelo na tarefa de explicar o processo de entendimento, de

paz. O próprio conflito entre Israel e palestinos pediria aprofundamentos que a TV não pode fazer; o que importa são as cenas de explosões. Essa alta complexidade de um debate explicando o tempo do Protetorado Britânico da Palestina não cabe na mídia, pois ela gosta de assassinato, sangue, algo sobre o que ninguém precisa pensar muito para entender. Temos de fugir das simplificações e criar espaço para algo que Pierre Bourdieu aponta naquele livrinho *Sobre televisão*: não é possível resolver ou abordar a complexidade de um problema como o do conflito Israel-Palestina com um debate de televisão em 10 minutos. Seria preciso um longo curso. E a televisão não sente como missão sua esse aprofundamento, a contextualização, fugindo da reflexão para apenas mostrar imagens de impacto.

Quanto ao extermínio acontecido na África nos últimos 50 anos e que me coube acompanhar de longe, a África, costumava dizer o Paulo Francis, “não tem a mínima importância”. Essa atitude soberba de que nós somos o umbigo do mundo. Mas o extermínio ocorrido na África não teve fogos de artifício, não produziu o show de que se alimenta a TV. Mas penso que o prof. Dimas tem mais a falar sobre isso porque é parte do núcleo do que foi o tema de seu doutorado, a análise da cobertura da imprensa semanal, em como ela cobriu a Guerra do Iraque. E ainda antes dessa guerra, tivemos a Guerra do Golfo, a que virou um show, vídeo-game, espetáculo sem sangue, sem sofrimento, um show de armas e tecnologia. Mas a mídia embarca nessa, esquecendo a ótica do jornalismo, porque as empresas estão interessadas no lucro, na forma de fazer dinheiro, e não na forma de tentar fazer as pessoas entenderem a busca da paz.

**Dimas Künsch** (coordenador do Programa de Mestrado da Cásper Líbero) – Eu me lembrei, enquanto o senhor falava, de um ex-professor da Cásper Líbero que trabalhou por um tempo como correspondente de guerra. Ele escreveu que, um dia, no território da antiga Iugoslávia, pôde compreender bem a diferença entre a guerra e o relato que

dela se faz quando atravessava uma ponte. Pelos relatos da mídia, supostamente, de um lado do rio deveriam viver os bandidos e, do outro, os mocinhos, os bons, as vítimas indefesas. Curiosamente, ele observou que a destruição causada pelos bombardeios podia ser vista dos dois lados, igualmente. O jornalismo trabalha com a simplificação dos conflitos. É mais fácil trabalhar com dualismos.

Eu também gostaria de lembrar outro fato, no caso da guerra contra o Iraque – e o “contra”, aqui, não está sendo escolhido à toa. É proposital. Na narrativa ocidental dominante, nos Estados Unidos, invasores tanto quanto no Brasil, o esforço de demonização do inimigo – Saddam Hussein e os filhos dele, principalmente – alcançou um grau que beirava, em muitos casos, o ridículo. Eu até brinquei, na época, dizendo o seguinte: se o líder iraquiano e seus filhos fossem capazes de fazer tudo aquilo que a mídia dizia deles, só restaria a Lúcifer, o príncipe dos demônios, pedir demissão do cargo. Teria perdido todo o prestígio.

**Diego (UFMA)** – Prof. Dov Shinar, tenho a impressão de que a cobertura ocidental dos conflitos no Oriente Médio, por consequência de o Brasil acabar reproduzindo a cobertura dos EUA, uma coisa meio uniforme, reflete a posição (apesar de serem nações laicas, na sua maioria, são nações de tradição cristã) do cristianismo institucionalizado, do Vaticano e da Igreja Católica em relação à região. Ali tem um Estado estabelecido, tem Israel, tem os árabes que, em sua maioria, são de países islâmicos, mas o cristianismo, que tem uma tradição histórica com a região, não está disputando território lá, talvez porque Roma seja mais interessante do que Jerusalém. O senhor acha que a postura da imprensa desses países de tradição cristã tem alguma relação com a postura que o cristianismo institucionalizado tem com a região?

**Irineu Guerrini Jr.** (professor de Pós-graduação da Cásper Líbero) – Quando o senhor mencionou os fatos da guerra e os da paz com

a mídia, deu muitos exemplos de televisão. Nós sabemos que as organizações de rádio e de televisão no mundo podem ser comerciais, quer dizer, elas são financiadas por veiculação de anúncios; podem ser estatais, ou seja, elas têm uma ligação com o Estado, com o governo mais sutil ou menos sutil; ou elas podem ser públicas, caso em que a *BBC* foi pioneira ainda no tempo do rádio, nos anos 1920 e, mais tarde, com a implantação da televisão.

Há exemplos mais antigos e outros mais recentes do comportamento digno da *BBC* com relação a guerras e com relação a outras coisas desde a Segunda Guerra Mundial, quando noticiavam nas rádios que os britânicos perdiam aviões na guerra, ou na Guerra de Suez, em que a *BBC* dava tanto a posição do governo quanto a posição da oposição. Na Guerra das Malvinas, para dar um exemplo mais recente, quando ela era muito criticada pela Margaret Thatcher, que dizia, entre outras coisas, *The british soldier*, mas *Our boys* que foram para a guerra – e assim por diante.

Parece-me que essa relação da mídia com o jornalismo em geral deve ser vista por essa ótica. O que eu procuro resumir nas minhas aulas sobre nossas grandes corporações é que são duas coisas muito simples: quem manda e quem paga. E, geralmente, quem paga quer mandar também – seja o comércio, seja o Estado. E, se a emissora diz assim: “Não, você só paga, deixa que eu mando”, então, a tendência é que quem paga diga: “Então eu não pago mais”. E me parece que, nesse contexto todo – porque depois a *BBC* inspirou outras empresas pelo mundo, de forma mais ou menos intensa –, deve-se observar a mídia que não é nem estatal, nem comercial. Parece que ela tem melhores condições de cobrir tanto situações de guerra como situações de paz. Enfim, é uma observação que eu faço e depois gostaria de saber da sua opinião sobre isso.

**Dov Shinar** – Vamos começar pelo último comentário. Eu tenho a impressão de que a dinâmica do desenvolvimento do rádio e da televisão é uma dinâmica em que as organizações públicas e as estatais competem com

as organizações comerciais e tentam receber, tentam chegar ao mesmo lucro. A *BBC* está fazendo a mesma coisa, está produzindo muito para competir com a televisão comercial na Inglaterra, se não ela desaparece. Agora, vou completar a resposta da entrevista que dei aqui para a rádio. Eu dizia que, em Israel, é a mesma coisa. A radiodifusão pública está tentando competir e não sabe como. Ela poderia se tornar um canal 4 da Inglaterra, que agora está tentando competir em termos de lucros. Então essa dinâmica, a meu ver, é mais característica da radiodifusão de hoje do que aquilo que nós vimos em tempos anteriores. Creio que muito tem a ver com a questão da globalização, certamente, e com os grandes problemas, as grandes crises da televisão e do rádio que não são comerciais. Eles têm grandes problemas nessas situações também. E é a grande luta das organizações públicas e estatais, principalmente as públicas, porque as estatais são ainda mais leais aos governos. Não sei quem é mais leal, mas isso é outra coisa. Mas as públicas ainda têm muitas funções a cumprir nos países em que existem e encontram muitas dificuldades no financiamento. E outra coisa é que hoje é muito difícil fazer uma distinção entre os meios porque as grandes corporações são donas de muitos meios, são multimeios. O jornal, a rádio e a televisão, nesse sentido, se ajudam um ao outro para conseguir atingir as metas dos donos e eu acho que isso mudou um pouco.

Sobre o cristianismo, não tenho a tendência de pensar que as teorias de conspiração funcionam nesse sentido. Pode ser que sim, mas não vejo qual é a coalizão entre o Papa e o presidente dos Estados Unidos. Quer dizer, o Vaticano tem muitos interesses, como qualquer país grande. O Vaticano tem muitas terras na Terra Santa. E se conduz muito bem com isso para fins comerciais. O Vaticano também faz a distinção entre as funções comerciais, políticas e religiosas. Assim, não vejo essa conexão.

Os outros comentários eu aceito, mas o Baudrillard eu acho que não é a questão de poltrona e de Sarajevo, mas é a questão do es-

tratagem filosófico para fazer aquele comentário de que a guerra hoje é a guerra da mídia. Ele escreve sobre isso e eu não o acusaria nesses termos de poltrona e de Sarajevo, mas penso que essa é uma questão de interpretação.

Outra coisa é que não é de nascença que a televisão não se relaciona com a África, a meu ver. A TV de hoje, nessa grande competição das grandes empresas, é diferente da *BBC* dos anos 1970 e 1980. Existe na *CNN* um programa sobre as elites da África e não sobre essas coisas, não sobre o extermínio. A *BBC World* talvez seja a melhor do mundo ao noticiar esse tipo de evento, mas não é o bastante, não entram em todos os detalhes, não é igual.

Com a sua permissão, vou continuar com os problemas da cobertura e isso vai refletir em muitas das questões que apareceram aqui. Acho que temos pelo menos três tipos de problemas na cobertura de guerra e paz: os profissionais, os estruturais e os éticos.

Os problemas profissionais têm a ver com o valor de notícia, e é muito difícil falar do valor de notícia na cobertura da paz porque, como já mencionei, o valor de notícia envolve um enfoque de eventos, mais que de processos. Realça heroísmo, drama, personalização, todas essas caracterizações de notícia. Preferem um presente rápido, muito mais que um passado ou futuro prolongados. E estas existem raramente nos processos de cobertura de paz em função da natureza desses processos. Nesse sentido, eu gostaria de citar um artigo de Ruth Vasconcelos na *Agência Alagoas*, no mês de abril deste ano. Ela se refere ao “*fast food* midiático”, a urgência de informação da última hora, a exigência de renovação permanente. A *CNN* faz um estratagem de muitas repetições, mas isso existe. A batalha em busca dos fatos e o pensamento que essa velocidade conduz é superficial.

Os problemas estruturais têm a ver com o fato de que a divulgação da paz se liga raramente aos interesses dos governos e dos donos da mídia. Não é que eles não queiram paz, mas, como as exigências da cobertura da

paz são outras, elas colidem com exigências do valor de notícia, e aí chegam a decisões e estas não são sempre a cobertura da paz – com algumas exceções, e eu vou me referir a elas. Ocorrem quando a cobertura da paz é um evento midiático que pode produzir lucro, como a conferência da paz em Washington – quando Rabin e Peres assinaram um acordo com Arafat –, que foi um evento midiático preparado, produzido, inclusive, para o ingresso dos donos das televisões porque Rabin e Arafat podiam encontrar-se em qualquer outro lugar, assinar o acordo sem a imagem correndo o mundo todo, sem os balões, sem as pombas e sem toda a cerimônia que foi feita para se adaptar às exigências da televisão. O grande problema é como conseguir que as emissoras públicas, comerciais e estatais possam, em detrimento do seu foco publicitário e de seu relacionamento estatal, realizar um jornalismo na guerra e na paz.

Problemas éticos: isso tem a ver com a televisão atual. Os monopólios comerciais, que constroem as imagens do mundo. O problema é como conseguir um pluralismo de conteúdo, de formas e estruturas para proporcionar mais complexidade. Existe uma tensão de notícia entre o entretenimento, o *news entertainment*, e a diversidade e a complexidade. Por isso, a televisão não entra muito na África, porque ela tem esse sentido de *news*, que se refere a um certo segmento das populações: dos negócios, da saúde, que pode produzir ingressos à mídia.

Existe outro problema relatado por meu amigo Majid Tehranian, um pesquisador iraniano hoje refugiado na Califórnia, que diz que a presente ética do jornalista deve ser dimensionada também numa ética institucionalizada da mídia, quer dizer, quase sempre quando se fala da ética da mídia, se fala da ética do jornalista individual e muito menos da ética das organizações. Acho que é uma área que deveria ser explorada muito mais.

**Jairo Camilo** (aluno do Mestrado da Cásper Líbero) – Eu gostaria que o senhor comentasse o fato de quando essa guerra se dá na cidade, lembrando do conflito que se deu

aqui em São Paulo com o PCC, uma facção dos presídios. Na cobertura da *Folha*, o título era “Guerra urbana”. Quando o inimigo é alguém que está do lado, próximo, a complexidade aumenta mais. Quando essa guerra está do lado, isso explode a complexidade e a mídia tem dificuldade de trabalhar esse assunto.



*O que o jornalismo de paz quer conseguir é o desafio de mostrar o lado positivo, o quadro não partidário dos que estão sofrendo e não aparecem tanto na mídia*

**Luis Vergueiro** (ex-aluno da Pós-graduação da Cásper Líbero) – Parece-me que essa cobertura da guerra está ligada à espetacularização da notícia, que precisa ser espetáculo para ser apresentada na mídia. O que fazer, então, para que a cobertura da paz obtenha o mesmo destaque?

**Felipe Ferrari** (aluno da Graduação da Cásper Líbero) – Com o advento da cobertura individual de jornalistas de fundo de quintal nas guerras, com blogs, vídeos e inscrições, a cobertura oficial midiática foi mudada?

**Dov Shinar** – Eu não tenho muita experiência em conflito urbano, mas na hora em que você começou a falar, antes que você dissesse essa expressão, escrevi aqui “conflito urbano”. Eu não sei se as realidades são as mesmas, mas gostaria muito de ver teses de doutorado, de mestrado tratando disso, para comparar se o conflito urbano tem as mesmas características que o conflito militar, e especialmente o conflito militar assimétrico – não sei como está no Rio de Janeiro, pode ser que em São Paulo seja outra situação. No Rio de Janeiro, talvez seja assimétrico quando algumas forças são mais fracas que as outras, mas isso me traz

exatamente a esse slogan de *law and order*, que nos Estados Unidos foi desafiado em “que tipo de lei, que tipo de ordem?”. Os representantes dos bairros eram acusados de infringir a lei e a ordem. Isso começou nos problemas dos direitos humanos dos Estados Unidos e, nesse sentido, o conflito urbano também pode entrar nisso. Esse não é um aspecto característico dos conflitos de que estou falando.

*O jornalismo de paz  
aflige os seguidores do  
conceito da objetividade.  
A minha dúvida é: será  
que a objetividade é um  
fato ou uma lenda urba-  
na norte-americana?*

Espetacularização é como podemos fazer com a paz. Um exemplo é o que foi feito com Arafat, Rabin e Peres. Peres é um especialista nesses tipos de espetáculos. Agora, o grupo dele está se aproximando da turma do Brasil porque eles estão muito interessados em jogos de futebol para promover a paz. Eu não sei como é possível fazer isso, eu gosto muito de futebol, mas é uma parte da espetacularização e tem muita gente que pensa sobre isso. Vou voltar a esse assunto.

No que toca aos blogs e aos vídeos, você tem razão, mas não totalmente. Porque os blogs e os vídeos são coisas íntimas, de impressões pessoais. Nesse sentido, eles talvez possam preencher as lacunas para os jornalistas porque são mais livres e, com efeito, muitas coisas que chegaram via *YouTube* chamaram a atenção da justiça militar americana, da justiça militar israelense e de outras também. Eu acho que você tem razão em outra coisa. Eu não mencionei aqui as novas mídias, mas é um campo de investigação muito interessante porque é muito difícil para nós da velha geração entrar nisso e é muito bom você mencionar esse tipo de comunicação.

Vou falar de mitos e fatos que se relacionam um pouco com algumas das questões que surgiram aqui. Existe o mito de que é difícil mudar a cobertura, pelas razões que mencionamos. Manda quem paga? O fato é que nós temos exemplos midiáticos de fatos que mudaram os padrões de cobertura na direção do entretenimento. Eu já mencionei o evento da Casa Branca, e podemos citar o concerto do Elton John, no castelo de Stormont, onde foi assinado o tratado de paz da Irlanda do Norte. Teve uma audiência muito grande, foi muito importante para apaziguar as paixões dos protestantes e católicos. Ali sim a religião foi um elemento muito importante. Na Bósnia e em outros lugares, existem projetos em que, no pós-conflito, os mecanismos que eram usados no conflito começaram a ser usados para o desenvolvimento econômico e social. Tenho um amigo que escreveu uma tese de doutorado muito boa, é um pesquisador da Bósnia que se aprofundou nessa questão. Eu tenho a certeza de que, se eu entrasse nisso, poderia mencionar outros casos, só para dizer que já está comprovado que existem lugares nos quais foi possível mudar os padrões de cobertura.

Estou me aproximando do jornalismo de paz e este é exatamente o ponto crítico, que seria o seguinte: não embarcar nas questões missionárias para educar os donos da comunicação, os comunicadores, mas sim melhorar a cobertura sem perder o valor de notícia ou ingresso. Não sei se é possível, mas certamente os esforços missionários não são possíveis, eles não funcionam. Nós sabemos que, no começo das atividades, Johan Galtung e seus discípulos organizaram sessões de treinamento para jornalistas e foram atacados sem piedade: “Por favor, não nos ensinem! Nós já somos educados, nós somos profissionais, já entendemos a matéria e vocês, por favor, acadêmicos, não venham nos dar aulas”. Isso existe. Portanto, eu ainda não sei como se faz isso, quer dizer, estamos no começo do caminho, mas acho que esse é o caminho: de não ameaçar, de não educar, mas chegar a uma certa solução que não vai influir nesses interesses.

Uma das alternativas possíveis poderia ser o jornalismo de paz. Ele é uma estratégia crítica que visa melhoria das realidades, da mídia, não usa o modelo da cobertura esportiva – como mencionei, o jornalismo de torcida, que considera guerra e paz como jogos de soma zero entre vitoriosos e derrotados, que cobre eventos mais que processos de longo prazo, que economiza nos detalhes. O jornalismo de paz usa a metáfora do jornalismo em saúde, que hoje é muito atual e divulga a batalha do doente com a doença, mas não somente isso, também informa as causas e as possibilidades de curas. Eu acho que isso começa com a Aids e continua hoje com a gripe. Houve a gripe aviária, a suína e estão falando da eqüina. Eu já vi notícias sobre a conspiração das companhias que fabricam os remédios para produzir um pânico, para ter mais ingresso, e não sei se é paranóia. Mas o que o jornalismo de paz quer conseguir é o desafio de mostrar o lado positivo, o quadro não partidário dos que estão sofrendo e não aparecem tanto na mídia. Então, o que o jornalismo de paz quer fazer é cobrir conflitos em termos de valor de notícia, não somente nos termos comerciais e políticos. Se é possível, eu não sei, espero que sim. Ele quer apresentar as causas antecedentes com textos dos efeitos dos conflitos. Isso é mais fácil fazer na imprensa escrita do que na televisão e no rádio, mas talvez seja possível e isso é muito fácil de se fazer na internet. Eu sei de muita gente que, para chegar às notícias sobre a gripe, está usando a internet de forma violenta, pois tem muita notícia.

O jornalismo de paz também define o problema nos termos do próprio conflito e de seus custos humanos, e não no Hezbollah, Israel e Hamas. O problema é a gente de Gaza, de Sderot (aldeia Israelense mais perto de Gaza), e eu vou voltar a isso para dizer mais tarde que essa é uma das grandes esperanças do jornalismo de paz. Existem custos humanos, não são só das elites, mas custos pelos quais sofre todo o mundo, e isso pode criar pressão sobre os elementos guerreiros na sociedade. As sínteses de contexto

de informação e interpretação são muito importantes porque informação não pode ser a única fonte, a informação seca. Tem gente que não conhece o porquê dessa informação e também tem uma longa interpretação sempre separada e clara que não é a notícia. A interpretação tem o seu valor porque muitos dos correspondentes de guerra são especialistas na matéria, talvez mais que os acadêmicos, mas eles têm que saber como fazer. A pluralidade de opiniões gera a visão crítica, isso é a ideologia inicial.

Chego às fraquezas dessas idéias. A primeira tem a ver com o conceito de Galtung, de rigidez ideológica e de polarização. Galtung fala da verdade *versus* a propaganda. Ele foi muito famoso por seu artigo publicado em 1965 sobre a comunicação e a política internacional, mas depois disso ele virou ideólogo, foi mediador de conflitos em 42 países. Trabalhou nesse sentido, não na pesquisa, e por isso nós podemos ver que ele fala em conceitos que são um pouco difíceis: a verdade e a propaganda. Isso é uma rigidez ideológica, uma polarização que não é necessária e não contribui muito. Temos outra coisa nas fraquezas: um psiquiatra diz que é muito difícil falar em cultura de paz quando se vive em uma sociedade com valores de guerra, talvez na sociedade urbana também. Existe outra fraqueza que diz que o jornalismo de paz é um jornalismo de pauta, panfletário, e tem alguma razão, mas o mais importante é que ele aflige os seguidores do conceito da objetividade. A minha dúvida é: Será que a objetividade é um fato ou uma lenda urbana norte-americana? Eu não inventei isso, foi o Michael Schudson, um pesquisador muito importante nos Estados Unidos. Ele não chega a acusar os interesses particulares de promover a objetividade, mas documenta o desenvolvimento do conceito, que é inventado para que a mídia do início da imprensa americana pudesse ser livre e funcionar com liberdade de expressão. Ele mesmo, anos mais tarde, fala sobre a questão da possibilidade de objetividade, se ainda existe, e essa questão está sendo refinada ain-

da mais quando chegamos ao que chamo de televisão atual, na qual grandes corporações juntam os multimeios.

Nesse sentido, temos também o outro lado: a falta de objetividade à la Galtung. Não querendo atacá-lo, mas, de certa maneira, acho que é necessário adaptá-lo ao século XXI. Galtung é muito folclorista. Ele e seus discípulos têm um site chamado [www.transcend.org](http://www.transcend.org), que é de uma organização que ensina o jornalismo de paz e tem muito mais anedotas do que pesquisas empíricas. Não estou dizendo que pesquisas empíricas são a única fonte da verdade da luz, mas é necessário que tenhamos alguma base empírica e também existe uma crítica sobre a metodologia do desenvolvimento do jornalismo de paz, que é pouco sistemática. Isso está sendo corrigido em pesquisas. Cliford Geertz chamou de existencialismo. São aqueles sentimentos dos quais você não pode se libertar. Pode ser religião, raça, nacionalismo, idioma etc. Os conflitos no Oriente Médio existem num território total, não existem campos de batalha definidos. No último verão, em Israel, saiu uma nota no jornal dizendo para não viajar para o deserto do Sinai no Mar Vermelho, e muitos israelenses vão para o território egípcio para férias. Lá não é campo de batalha, mas os aviões e embaixadas são campos de batalha. O tempo também é indefinido. Em 61 anos, não houve um dia sem violência no Oriente Médio. Então, é muito difícil dizer se o jornalismo de paz pode suceder.

Nós temos sinais de que talvez isso seja possível e eu estou tentando promover a tese de que as guerras assimétricas das últimas décadas podem ajudar o jornalismo de paz. Nós tivemos as revoluções dos Palestinos em 1987 e 2000, em que o exército de Israel, uma quase potência, teve grandes dificuldades em lutar na primeira contra meninos que jogavam pedras e na segunda, contra armas de fogo. No Iraque, será que a guerra terminou? Hoje, o tipo de guerra que ocorre no Oriente Médio é a guerra assimétrica.

Acho que as guerras assimétricas podem ajudar o jornalismo de paz, especialmente em termos de realidade. As possíveis influências da mídia nas guerras assimétricas são as seguintes: estão envolvidas não somente as elites; existe pressão popular, civil, e isso reflete nas eleições; para a população que vota nos partidos da direita, votar é muito fácil, ser bombardeado, não. Outra razão são os resultados: quem ganhou a guerra entre Israel e o Hezbollah? Na guerra assimétrica, você nunca sabe quem ganhou. Assim, os dois lados ficam frustrados. Por isso, parece que os conceitos de vitória são menos relevantes que os conceitos de melhora, e aí o jornalismo de paz pode influir. Certamente, as verdades e a propaganda aqui são muito úteis no conceito do Galtung porque as comissões de inquérito em Israel descobriram muitas verdades que ajudaram nessa pressão popular e nessas negociações. A mesma coisa no Líbano: o Hezbollah perdeu as eleições e está numa situação que não é muito boa. Assim, vai criando uma espetacularização e vale a pena qualquer esforço na direção de negociação, de ver o quadro inteiro e os custos humanos. É uma tese que eu quero começar a desenvolver juntamente com a paz assimétrica, paz entre um Estado e um movimento. Portanto, acho que isso pode ser um bom sinal.

É preciso melhorar o jornalismo de paz em termos de seu reconhecimento como técnica alternativa, de conseguir que os jornalistas possam assumir responsabilidades transformativas. Existem jornalistas nesse sentido, que vêem o quadro inteiro. É preciso compensar a falta de objetividade com todas as coisas que estão aí: profissionalismo, integridade, imparcialidade, profundidade, equilíbrio e perspectivas, que são coisas que vocês aprendem aqui na Cásper e é preciso muita paciência para aplicá-las no emprego. Nesse sentido, é preciso desenvolver técnicas para se fazer isso. Eu acredito que é possível.